

## A NARRATIVA DA REINVENÇÃO: O TRABALHO DAS PROFESSORAS DAS INFÂNCIAS EM TEMPOS DE CRISE

ERIKA LEITE CARDOSO<sup>1</sup>; MAIANE LIANA HATSCHBACH OURIQUE<sup>2</sup>

<sup>1</sup>*Erika Leite Cardoso – erikaaleitee@gmail.com*

<sup>2</sup>*Maiane Liana Hatschbach Ourique – maiane豪@yahoo.com.br*

### 1. INTRODUÇÃO

O presente resumo disserta sobre o ser docente das infâncias durante a crise sanitária ocasionada pela Covid-19, compreendendo as re-adequações que esse período trouxe para as professoras. O objetivo concentra-se em identificar a maneira como foi definida a compreensão do papel docente durante a pandemia, observando a forma como a figura da professora foi sendo subjetivada.

Para isso, é realizada uma pesquisa qualitativa, investigando um estudo realizado pelo instituto Península e, a partir do revelado pelos dados, é realizado um mapeamento em três portais de notícias (G1; CNN Brasil; Metrópoles), considerados de grande relevância e impacto social. Essa pesquisa surge das demandas investigativas tidas enquanto bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio Grande do Sul (FAPERGS), vinculada ao projeto “Documentos de reconhecimento docente: experiências formativas e materialidades pedagógicas na Educação Infantil”. Além disso, está alinhada com as investigações e estudos conduzidos no grupo de pesquisa Laboratório de Formação e Reconhecimento das Infâncias (Labforma/CNPq/UFPel).

Para traçar essa discussão, recorre-se aos escritos de Honneth (2009) que discute as interfaces do reconhecimento, Butler (2019; 2021) que tece a ideia das vidas categorizadas como enlutaveis e inelutáveis, Souza (2021) que destaca o cenário pandêmico vivido no contexto brasileiro e como isso atravessou a docência e, Nóvoa (2021) que traz o entendimento sob quais condições o ensino remoto foi implementado durante a pandemia. Esses autores amparam e guiam a reflexão da atual investigação na medida em que se pode, a partir de seus escritos, compreender como a docência foi ou não reconhecida e a maneira com que foi subjetivada enquanto uma vida digna ou indigna de ser salvaguardada.

### 2. METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como qualitativa, de cunho documental, uma vez que foram empregados dois instrumentos de coleta de dados: um estudo conduzido por uma fundação privada, sem fins lucrativos, e notícias que discutiam sobre o trabalho das professoras das infâncias durante o período de crise sanitária.

A pesquisa conduzida pela fundação serviu de fonte instigadora para o delineamento da investigação. A escolha dos objetos de análise foi baseada na relevância social que os dados tiveram, utilizando como critérios para a escolha das matérias que: 1) abordassem o período pandêmico; 2) dissertassem sobre a docência com as infâncias; 3) discorressem sobre condições e implicações do trabalho docente. Com base nesses critérios, conduziu-se uma pesquisa em três portais de notícias, selecionando as três primeiras páginas que apareciam ao

pesquisar as palavras “pandemia”, “professores” e “infâncias”. No total, foram identificadas 78 reportagens, porém apenas 26 atendiam aos critérios de inclusão /exclusão estabelecidos.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A crise sanitária provocada pelo vírus SARS-CoV-2 exigiu novas reorganizações sociais e no campo educacional não foi exceção. O ensino remoto foi a solução encontrada para garantir que houvesse uma “continuidade educativa”, trazendo consigo a exigência de outras reconfigurações para viabilizar esse processo (NÓVOA, 2021). Em consonância com essas dimensões, o Brasil experimentou um cenário dramático durante a pandemia. Havendo um número alarmante de professores que tiveram suas vidas ceifadas causadas pela obrigatoriedade da abertura de algumas escolas e pela política insana e perversa que menospreza a existência e reduz a vida em uma política genocida e negacionista (SOUZA, 2021).

Compreendendo esse aspecto, os contornos e re-adequações que a profissão docente passou, busca-se investigar a maneira com que a figura do professor foi percebida, retratada e subjetivada durante o período de crise. Para isso, recorre-se a um estudo conduzido pelo instituto Península, que aborda a saúde emocional das docentes durante o período pandêmico, contemplando os anos de 2020 a 2022. Em seguida, se faz frente com reportagens extraídas de três portais de notícias, Globonews (G1), Metrópoles e CNN Brasil (Cable News Network), que evidenciam os temas que permearam o trabalho das professoras das infâncias durante esse período.

Na pesquisa realizada pelo instituto Península, nota-se um dado alarmante sobre a saúde emocional das professoras, mostrando uma piora de 2020 até o ano de 2022, ressoando um aumento nos sentimentos de sobrecarga e ansiedade pelas novas demandas e exigências que se instalaram. Quando comparado aos anos anteriores, visualizamos uma crescente de 30% na piora da saúde mental das docentes (PENÍNSULA, 2022). A partir desses dados preocupantes que se colocam, buscou-se observar o que as reportagens estavam narrando. Ao vislumbrar a totalidade das matérias coletadas nos portais de notícia, observa-se uma outra face do que foi apresentado pelo estudo do instituto Península.

Nas notícias, quando retratadas as docentes e seu trabalho durante o período de crise, há duas frentes: uma ausência sobre os sentimentos que as permeavam e um retrato de superação dos desafios. Tal fato é perceptível, quando se visualiza no conteúdo das reportagens uma narrativa massiva da reinvenção, mostrando as distintas demandas e questões que lhes foram postas e evidenciando como conseguiram dar conta disso a partir de soluções criativas. Mesmo que seja posto que as profissionais de educação atravessaram desafios para desenvolver seu trabalho, o foco centra-se na maneira com que deram conta dessas novas demandas. Destacando-se uma imagem docente que precisa e consegue dar conta de tudo, sem refletir as consequências e reverberações que esses movimentos causaram na saúde do sujeito professor. Butler (2019) define que a partir de uma norma social e política, algumas vidas são consideradas, enquanto outras fogem às margens. Dessa forma, levando a indicar que todo esse processo, permeado pelas professoras, revela uma imagem de docente esvaziada de humanidade, que serve como um meio para um fim.

Quando, em algumas notícias, aparece um vislumbre de que esse período representou um grau de sofrimento para as professoras, há uma busca por validar a sobrecarga e a precarização do trabalho docente. Isso se evidencia quando, em uma das reportagens, há a seguinte exclamação: “A boa notícia é que [as professoras] ganharam mais reconhecimento” (G1, 2021). Para haver reconhecimento, é necessária sobrecarga na jornada de trabalho, ansiedade e precarização da profissão? Qual seria o preço que a reinvenção cobra para que se tenha reconhecimento? Honneth (2009) destaca que o não reconhecimento afeta a integridade física e psíquica do sujeito, o priva de direitos e afeta sua própria honra. Há uma contradição sobre que tipo de reconhecimento é este tido por essas docentes, na medida em que as próprias condições de reconhecimento se dão a partir de meios de precarização da profissão.

Somado a essa cadeia de fatores que nublam o vivido pelas professoras, em algumas reportagens, quando retratado um significativo problema na educação que era o alto índice de evasão escolar por conta do momento de exceção vivido, havia um tom de culpabilização docente. Apesar de haver uma compreensão de que a pandemia incidia sobre essa evasão, permeava a ideia de que o retorno ao modelo presencial daria conta de solucionar este problema. Por sua vez, em outras reportagens, havia explicitado um certo desprestígio da própria profissão. Termos como “tia” para se referir à docente ou à ideia de “docência por amor e vocação” emergiram. Essas questões foram apresentadas para evidenciar o papel que a figura docente teria durante a pandemia, de zelo pela vida do outro a partir do entendimento de uma profissão por vocação.

Quando aparece a culpabilização e o desprestígio, não se observa horizontes de reconhecimento, fazendo com que se questione quais as condições que a docente precisa atingir para contemplar um grau de reconhecimento social. Essa outra face das questões apresentadas, leva a indicar que o reconhecimento docente estava intimamente ligado à sua capacidade de reinvenção, como um modo de “[...] reclassificar os seres vivos como dignos de valor, como potencialmente enlutáveis [...] ou lançados em formas irreversíveis de precariedade.” (BUTLER, 2021, p. 35). Pois, na medida em que a profissional de educação atingia o status do reconhecimento, a partir de superações criativas dos desafios havia, na contrapartida, uma outra compreensão de docência que não deu conta de tais desafios apresentados neste momento de pandemia.

#### 4. CONCLUSÕES

O reconhecimento enviesado da docência ganha notoriedade a partir das narrativas que se apossaram. Se por um lado, visualiza-se uma piora na saúde emocional das professoras a partir do estudo conduzido pelo instituto Península, por outro, percebe-se a ausência desse retrato nas reportagens mapeadas.

Refletir a imagem e o modo como a figura docente foi interpretada e subjetivada é observar o quanto a vida docente foi significada a partir do que servia. Fazendo com que se questione se a docência é uma existência somente reconhecida quando serve a um sacrifício ou, ainda, que tipo de compreensão de reconhecimento é essa. Portanto, pode-se observar que, nas distintas formas de retrato da figura docente nas reportagens, há um horizonte comum da responsabilização. Em consonância, há descrito uma piora na saúde psíquica das profissionais de educação conforme o avanço da pandemia. Tais fatos levam a

indiciar que essas duas frentes estão intimamente relacionadas, na medida em que uma questão implica a outra, o senso e retrato de responsabilidade implica na sobrecarga e ansiedade sentidas pelas docentes.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. **A Força da Não-Violência: Um Vínculo Ético-Político.** Tradução de Andreas Lieber. São Paulo: Boitempo, 2021.

BUTLER, Judith. **Vida Precária: Os Poderes do Luto e da Violência.** Tradução de Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

HONNETH, Axel. **Luta por Reconhecimento: Para uma Gramática Moral dos Conflitos Sociais.** Tradução de Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

INSTITUTO PENÍNSULA. **Retratos da Educação Pós-Pandemia: Uma visão dos professores.** São Paulo: Instituto Península, 2022. Disponível em: [https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2022/08/IP\\_RetratosEdu\\_c\\_VF\\_Diagramada.pdf1](https://www.institutopeninsula.org.br/wp-content/uploads/2022/08/IP_RetratosEdu_c_VF_Diagramada.pdf1).

G1. **Pandemia, Professores e Infâncias.** Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/8945028/>. Acesso em: 6 out. 2024

NÓVOA, Antonio; ALVIM, Yara Cristina. **Os professores depois da pandemia.** Educ. Soc., Campinas, v. 42, e249236, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/mvX3xShv5C7dsMtLKTS75PB/?format=pdf>. Acesso em: 20 set. 2024.

SOUZA, Elizeu Clementino de. **“O que será o amanhã?” Narrativas, pandemia e interfaces vida-morte.** Espacios en Blanco. Revista de Educación, N° 31, vol. 2, jul./dic. 2021 (p. 351-354). Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3845/384566614003/>. Acesso em: 20 set. 2024.